

# **Cora Coralina – Cântico primeiro de Aninha**

A estrada está deserta,  
vou caminhando sozinha.  
Ninguém me espera no caminho.  
Ninguém acende a luz.  
A velha candeia de azeite  
de há muito se apagou.

A longa noite escura...  
A caminhada...  
Carreando pedras,  
construindo com as mãos sangrando  
minha vida.

Deserta a longa estrada...  
Mortas as mãos viris que se estendiam às minhas.  
Dentro da mata bruta  
Leiteando imensos vegetais.  
Cavalgando o negro corcel da febre,  
Desmontado para sempre.

Passa a falange dos mortos...  
Silêncio. Os namorados dormem.  
Flutuam véus roxos no espaço.  
Na esquina do tempo morto  
À sombra dos velhos seresteiros...  
A flauta, o violão, o bandolim.  
Alertas as vigilantes,  
barroando portas e janelas cerradas.  
Cantava de amor a mocidade.

A estrada está deserta...  
Alguma sombra escassa  
buscando o pássaro perdido.

Morro acima. Serra abaixo.  
Ninho vazio de pedras.  
Eu avante na busca fatigante  
de um mundo impreciso,  
todo meu.  
feito de sonho incorpóreo  
e terra crua.

Bandeiras rotas, despedaçadas,  
quebrado o mastro na luta desigual.  
Sozinha, pisada. Nua. Espoliada, assexuada.  
Sempre caminheira, removendo pedras.  
Morro acima. Serra abaixo.  
Longa procura de uma furna escura,  
fugitiva a me esconder.  
Escondida no meu mundo.  
Longe... Longe...  
Indefinido longe, nem sei onde.

O tardio encontro.  
Passado o tempo de semear o vale,  
de colher o fruto.  
O desencontro,  
da que veio cedo e do que veio tarde.

A candeia está apagada  
e na noite gélida eu me vesti de cinzas.

Meus olhos estão cansados  
Meus olhos estão cegos  
Os caminhos estão fechados.

**Cora Coralina, Vintém de cobre**